

APRESENTAÇÃO

É com muita congratulação que apresentamos o presente dossiê da revista através de uma sistematização de falas que foram apresentadas na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, em 2008, em Porto Seguro/BA, que se viabilizou pela Mesa-Redonda (MR) “Intelectuais e Lideranças Étnicas no Campo da Antropologia”. Desta forma, o título do dossiê segue exatamente com o nome da mesa supramencionada. O dossiê conta com a organização da professora Doutora Maria Rosário Gonçalves de Carvalho, professora Titular da Universidade Federal da Bahia, que atua no Departamento de Antropologia e Etnologia. Junto à professora, contamos com artigos dos professores Doutores, Florêncio Vaz (Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA), Gersem Baniwa (Universidade Federal do Amazonas – UFAM), Osmundo Pinho (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP) e com o debate final de Ana Cláudia Gomes de Souza (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB).

As falas abordadas no evento foram sistematizadas no formato escrito, no entanto, o(a) leitor(a) verificará que buscamos não descaracterizar o caráter oral das falas dos(as) pesquisadores(as), uma vez que o debate premente conta com o “tom” da oralidade veiculado através da escrita. Ou seja, alguns textos carregam o teor da linguagem comunicativa devido à tentativa e preocupação de não perdermos suas qualidades distintivas.

Os textos encontrados aqui pelos(as) leitores(as) contam com um movimento de mudança contextual, cultural e cognitiva que se deu principalmente no século XX, momento no qual distintos atores e agentes sociais se imiscuem no campo antropológico. Ou seja, vemos uma ocasião na qual “intelectuais negros e indígenas” atuaram como professores e pesquisadores profissionais que modificaram visões e divisões do mundo que se consubstanciaram a partir da dicotomia sujeitos pesquisados versus pesquisador-antropólogo. Logo, vemos indivíduos “índios-pesquisadores” e “pesquisadores-índios”, “negros-pesquisadores” e “pesquisadores-negros” transformando o espaço social e o *status quo* acadêmico que, anteriormente, atribuía a cada um desses agentes e atores um *lôcus* de atuação distinta.

A partir do que foi dito, os(as) leitores(as) contam com a grandiosa e qualificada introdução ao dossiê realizada pela professora Maria Rosário Gonçalves de Carvalho, que nos conjura com todo o processo histórico e cultural que circunscreve o contexto social no qual ocorreram as transformações epistêmicas, políticas e sociocognitivas supracitadas e explicita como se deu a construção crítica de cada artigo subsequente.

Logo, seguem-se os artigos do dossiê que contam com Gersem Baniwa expressando a preocupação com a questão da interculturalidade e, nesse sentido, o autor busca fazer uma crítica às práticas educacionais e às construções epistemológicas que muitas vezes passam a perpetuar “o processo de colonização por meio das estruturas disciplinares”. No segundo artigo, o autor busca nos contar como se dá a expressividade das lutas étnicas no Brasil justamente no contexto de mudanças epistêmicas e praxiológicas que ocorrem no país colocando frente a frente dois debates importantes, a saber, o das “perspectivas epistemológicas entre a racionalidade dos saberes indígenas e a racionalidade dos conhecimentos ditos científicos da antropologia”. Nesse mesmo sentido, Florêncio Almeida Vaz Filho trata de sua própria trajetória acadêmica e da construção do “índio-antropólogo” e do “antropólogo-índio”, e em seu segundo artigo, nos traz a discussão sobre o problema da interculturalidade a partir da perspectiva indígena expressa no ensino superior, através do caso da UFOPA. Por sua vez, Osmundo Pinho discorre sobre as problemáticas que envolvem o estudo das relações raciais e faz uma alusão à sua própria trajetória como “pesquisador negro”; em seguida, no próximo artigo, discute os “impactos da crescente presença negra na universidade pública brasileira” evocando o caso específico da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Por fim, Ana Cláudia Gomes de Souza nos brinda fechando o debate discorrendo sobre “Interculturalidade na Universidade Brasileira: tensões, conflitos e desafios”.

Temos como artigos da seção de temas livres o escrito de Vítor Queiroz que nos dá uma bela discussão sobre raça e religião na Bahia a partir da expressão das obras dos amigos Jorge Amado, Dorival Caymmi, Carybé e Pierre Verger. Fechamos o presente número, com artigo de Ariella Silva Araujo, que trata do importante tema do ensino sobre a História e Cultura dos povos indígenas na escola pública.

Desejamos a todos(as) os(as) leitores(as) uma boa e regozijante leitura.

Os Editores

Thais Joi Martins, Wilson Penteadó